






TESTEMUNHO NA OBRA A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI, DE DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT
TESTIMONY IN A QUEDA DO CEU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI
BY DAVI KOPENAWA AND BRUCE ALBERT

Paula Natasha Siqueira BARROS¹  

Ana Lilia Carvalho ROCHA²  

RESUMO: O presente trabalho aborda os testemunhos em alguns capítulos na obra “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami” de Davi Kopenawa e Bruce Albert. A obra é um relato não ficcional de um xamã em parceria com um antropólogo francês Bruce Albert. A iniciativa se deu a partir da década de 90, a pedido de Kopenawa diante da brutalidade missionária e da estrada Perimetral Norte que seu povo estava vivendo. O objetivo da pesquisa é identificar o testemunho na obra em questão. Os objetivos específicos estão baseados em analisar as memórias do povo Yanomami; discorrer sobre o testemunho descrito e vivido pelo Kopenawa; expor a profecia xamânica como resistência do povo Yanomami. A metodologia da pesquisa é qualitativa, pois utiliza procedimentos técnicos de análise da obra, além disso, baseia-se na compreensão e comportamento humano; Ademais, o trabalho faz uma pesquisa teórica de autores como: Harlow (1987), Bosi (1996), Kopenawa (2015), Albert (2015), Sarmiento-Pantoja (2021), Sarmiento-Pantoja (2014), outros, que são o aporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa. Diante do exposto, podemos concluir que, a discussão do trabalho se faz pertinente para uma mudança das narrativas históricas, contribuindo para a valorização da história, cultura e vozes dos povos indígenas.

Palavras-chave: Testemunho. Resistência. Memória. Yanomami. Profecia.

ABSTRACT: *The present work addresses the testimonies in several chapters of the book "The Falling Sky: Words of a Yanomami Shaman" by Davi Kopenawa and Bruce Albert. The book is a non-fictional account by a shaman in collaboration with French anthropologist Bruce Albert. The initiative began in the 1990s, at Kopenawa's request, in response to the missionary brutality and the Northern Perimetral Road that his people were experiencing. The research aims to identify testimony within the mentioned work. The specific objectives are based on analyzing the memories of the Yanomami people, discussing the testimony as described and experienced by Kopenawa, and exposing shamanic prophecy as the Yanomami people's resistance. The research methodology is qualitative, utilizing technical procedures to analyze the work and is also rooted in the understanding of human behavior. Furthermore, the work conducts a theoretical investigation of authors such as Harlow (1987), Bosi (1996), Kopenawa (2015), Albert (2015), Sarmiento-Pantoja (2021), Sarmiento-Pantoja (2014), among others, who provide the theoretical framework for the research's development. In light of the above, we can conclude that the discussion in this work is relevant for a shift in historical narratives, contributing to the valorization of the history, culture and voices of indigenous peoples.*

Keywords: *Testimony. Resistance. Memories. Yanomami. Prophecy.*

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA-UFGA). E-mail: prof.paulabarros@yahoo.com.

² Doutora em Estudos Literários pela UFGA. Docente no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA-UFGA). E-mail: liliateacher@gmail.com.

Por que continuo a lutar? Porque estou vivo!
Davi Kopenawa

Memória: um ato de resistência

A memória faz parte biologicamente do homem, além de ser cultural. A cada dia que se passa, retemos memórias do dia vivido. Em uma análise geral, a memória está associada ao passado e faz-nos lembrar dele. Ela é psíquica e social, e nos possibilita a representar as nossas percepções do que já foi vivido, o passado. A memória perpassa por vários campos da ciência, como a biologia, a física, a fisiologia, a psicologia e a linguística etc. Mas falar em memória é também falar em esquecimento. Este, também, faz parte do ser humano. Bem como Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 53) diz que “a memória só existe ao lado do esquecimento: um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve.” Não há como armazenar todas as memórias.

O século XX é marcado por grandes catástrofes mundiais. No Brasil, vivíamos a ditadura militar e o frenesi da globalização, o que acarretou nas invasões das terras indígenas Yanomami. Essas invasões ocasionaram muitas vítimas de epidemias, assassinatos e descasos, entre as quais algumas conseguiram sobreviver. Um dos sobreviventes dessas invasões é o Davi Kopenawa que traz consigo essas memórias de tragédias, sofrimentos e dores e profecias em seu livro.

Em “A queda do céu: palavras de um xamã Yanomai” (2015) de Davi Kopenawa e Bruce Albert partiu de um acordo de amizade e de um pacto xamânico³. A ideia inicial foi de Davi Kopenawa que achou necessário se apropriar das “peles de papel” dos não indígenas para que suas memórias, lutas e profecias pudessem alcançar lugares que antes eram inalcançáveis. A obra é repleta de cultura, profecias, relatos, testemunhos e de memórias, tais como: a evangelização cristã, invasão dos garimpeiros e a profecia da queda do céu, caso não cuidemos da natureza. Numa espécie de narrativa de memória, encontramos memórias individuais e coletivas, experiências próprias e experiências da comunidade Yanomami. Devemos levar em conta que comunidades ágrafas, como os Yanomami, preservam a memória coletiva e passam, de geração a geração, a sua cultura, suas danças, suas histórias, por meio da memória de seus ancestrais, uma memória coletiva, uma “memória étnica” (Goff Le, 1990, p. 370).

A mistura entre recordação individual e coletiva é muito forte no livro e elas estão relacionadas a lembranças de catástrofes, epidemias, violências, resistências e lutas. O ato de (re)memorar é uma prática muito comum em comunidades que não possuem a escrita, que é o caso

³ Descrito assim pelo próprio Bruce Albert

dos Yanomami. O processo de (re)memorização não é apenas um processo de anamnese, vai muito além. É um ato de resistência, bem como pontua Márcio Seligmann-Silva (2023, p. 52): “A memória – assim como a linguagem, com seus atos falhos, torneiros de estilo, silencia etc. – não existe sem a sua resistência.” Davi Kopenawa transmite a sua percepção sobre o passado vivido pelo seu povo. A anamnese trazida na obra tem por objetivo “resistir a uma forma alheia” (Bosi, 1996, p. 11), por meio da narrativa memorialística e a apropriação da escrita para que a modalidade da lembrança traumática, a luta e resistência possam ultrapassar fronteiras culturais e políticas. A reminiscência deve ser um ato político e ideológico que contribui para uma sociedade desconstruída.

A resistência por meio da memória é antes de tudo ética, como designa Alfredo Bosi (1996, p. 11): “Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético”. Não é apenas expor o passado, mas é resistir às dores e violência que foram vivenciadas por meio da memória. Além disso, Alfredo Bosi observa que

A experiência dos artistas e o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasce da força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primariamente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. (Bosi, 1996, p. 11)

Resistir por meio da memória e da escrita dela é uma relação entre a experiência e o seu testemunho, de acordo com o autor. O ato de testemunhar a partir da percepção memorialística não é uma tarefa tão fácil e podemos encontrar vários testemunhos do Davi Kopenawa a partir de sua memória individual e coletiva. Além de resistir, Davi Kopenawa compartilha as suas lembranças em seu livro, pois sabe a importância dessa prática para si e para a sua comunidade. A memória é que nos une e o que nos constitui enquanto animais sociais, pois somos seres políticos e sociais e isso é possível também por conta da memória, e não uma memória individual, mas uma memória coletiva, uma vez que vivemos em sociedade (Seligmann Silva, 2022).

A lembrança e o ato de testemunhar não é uma tarefa fácil, pois devemos reconhecer e analisar qual o tipo de lembrança e o tipo de testemunho que a voz está inserida. A posição do sujeito diante do depoimento possibilita a classificação do testemunho em *testis* (terceira pessoa), *superstes* (primeira pessoa) e *arbiter* (auricular), a partir disso, podemos classificar e analisar a voz do testemunhal.

O testemunho: *testis*, *superstes* e *arbiter*

O testemunho perpassa por muitos campos sociais e de conhecimento, como no campo da religião, jurídico, história e literário entre outros. Aos pensarmos sobre esse termo, pensamos em memória. Ele está relacionado também com a linguagem – embora essa seja falha diante de experiências extremas de depoimento – e ela pode ser verbal ou não verbal. O livro “A queda do céu” (2015) é um exemplo de experiências verbais e não verbais como as fotografias da manifestação xamânica. Além disso, ele está relacionado intrinsecamente com a memória de um trauma, mas não somente àquele que vivencia, mas também aquele que presencia e ouve. Tomemos aqui os testemunhos *testis* e *superstes* discutidos pelo Márcio Seligmann Silva (2003), testemunho indireto e direto respectivamente. Mas abordaremos também o testemunho *arbiter* que foi proposto pelo professor doutor Augusto Sarmiento Pantoja (2019). Os três tipos de testemunho têm algo em comum: a narrativa de um evento traumático. Cada um tem a sua particularidade e especificidade. Eles estão relacionados também a diversos campos, como o antropológico, jurídico e literário. No campo da literatura, perpassam entre a ficção e a realidade, não a imitação do real, como bem pontua Seligmann-Silva:

‘real’ não deve ser confundido com a “realidade” tão como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o ‘real’ que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação (Seligmann-Silva, 2003, p. 373)

O autor deixa clara a relação do “real” na literatura do testemunho; não é a representação da realidade igual aos romances do século XIX, mas é a não representação do evento traumático e é, também, a sua percepção sobre ele.

A resistência da representação na literatura de testemunho é característica das três modalidades: *testis*, *superstes* e *arbiter*. Não estão relacionados com a imitação do real, mas, sobretudo, a sua percepção do que foi presenciado, vivido ou ouvido. Podemos denominar o testemunho em *testis* como aquele que indica o depoimento de um terceiro que presencia um evento traumático, porém não participa em primeira pessoa; o *superstes* indica o depoimento em primeira pessoa, aquele que sobreviveu a um evento traumático (Seligmann-Silva, 2003). E o *arbiter*, proposto pelo professor doutor Augusto Sarmiento-Pantoja (2019), que é denominado de segunda pessoa, ele não presenciou nem vivenciou, mas ele ouviu. A testemunha *superstes* e *testis* tem algo em comum: a perlaboração (freudiana). O processo de perlaboração – que é a relação do sujeito com seus conflitos internos – permite um processo de cura. A necessidade de narrar fica evidente e

conflituosa. A perlaboração não é um ato fácil nem para o testemunho *testis* e *superstes*. Segundo Sarmiento-Pantoja:

A necessidade do testemunho passa de algum modo a se tornar vital para o sobrevivente que começa a conflitar com as necessidades vitais da vida humana, como beber, comer, dormir... Por isso encontramos nos testemunhos a insistência em narrar, mesmo quando parece impossível ou improvável, por conta das memórias serem confusas e a lembranças aterradoras (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 11).

Podemos observar, de acordo com o autor, que as duas vozes testemunhais, o *testis* e o *superstes*, têm suas especificidades, porém, há uma força de resistência sobre a representação da necessidade de testemunhar que permeia as duas vozes: é a rememoração do evento traumático. E a ambiguidade da necessidade e impossibilidade de narrar o evento traumático está evidente nas duas vozes testemunhais. Diante de algumas semelhanças de perlaboração nas duas vozes, devemos de analisá-las de forma mais abrangente, pois as vozes podem ser relacionar profundamente. Vejamos, segundo Sarmiento-Pantoja:

há espaço para pensamos a ampliação dessas categorias pelo fato de encontrarmos no testemunho do terceiro (*testis*) bem mais que a narrativa do outro, pois em várias desses testemunhos o narrador *testis*, narra também a sua experiência e oscila entre narrar a si e narrar a experiência do outro como se esta fosse a sua própria experiência. Algo semelhante se dá na narração testemunhal de um narrador *superstes*. Durante boa parte de sua narração, que deveria ser a narrativa de si, ela se transforma em uma narrativa do outro (Sarmiento-Pantoja, 2019, p. 12).

Notemos que a narrativa do *testis* eleva seus sentimentos, emoções e percepções do evento traumático como se fosse a sua experiência, e essa narrativa acaba sobressaindo, muitas vezes, à experiência do outro, nesse caso, do *superste*. Diferentemente, o *arbiter* (auricular) não vivenciou nem presenciou o evento traumático, mas é aquele que ouviu o testemunho e que pode julgar o deve ou não deve ser narrado. Assim como enfatiza Sarmiento-Pantoja (2019, p. 13): “Por se encontrar distante dos fatos, esse narrador tem o poder de discernir – e decidir – o que deve ou não ser considerado na cena testemunhal, realizando um trabalho de seleção mais evidente.”. É necessário observarmos que a terceira voz, apresentada pelo Sarmiento-Pantoja, vai selecionar e determinar o que deve ou não ser narrado diante do que foi narrado para ele, seja pela testemunha *testis* ou pela testemunha *superstes*, independentemente, e isso está atrelado à sua característica de juiz.

Diante das vozes testemunhais – *testis*, *superstes* e *arbiter* –, podemos encontrar as três categorias de testemunho na obra do Davi Kopenawa e do Bruce Albert. Ao narrar as suas memórias traumáticas, Kopenawa, em sua narração, traz à tona as três categoria de testemunho:

como sobrevivente (*superstes*), como espectador (*testis*) e como juiz que decide o que narrar do testemunho que ouviu (*arbiter*).

As vozes testemunhais na obra de Davi Kopenawa

O livro tem dois autores: Davi Kopenawa com o pensamento e discurso e Bruce Albert com a mediação, o qual utiliza a cultura da escrita para a produção da obra e essa relação entre os dois autores é de grande importância para o funcionamento e a organização textual. De Marco (2004) dentro do campo do testemunho:

o encontro de dois narradores e estrutura-se sobre um processo explícito de mediação que comporta os seguintes elementos: o editor/organizador elabora o discurso de um outro; este outro é um excluído das esferas de poder e saber na sociedade; este outro é representativo de um amplo segmento social ou de uma comunidade e, portanto, por sua história ser comum a muitos, ela é exemplar (De Marco, 2004, p. 47).

A partir do que a autora apresenta, podemos perceber dentro da obra a relação entre os dois narradores que encontramos. O editor/organizador é o Antropólogo Bruce Albert que organiza e edita os discursos, pensamentos, sonhos e testemunhos de Davi Kopenawa, o qual seria o “outro”, o que estaria na esfera de “excluído”, “marginalizado”.

Essa mediação entre o editor/organizador e “outro” o que testemunha é de grande importância para compreendermos os impactos que a obra causa em seu leitor. O principal objetivo tanto da testemunha (Kopenawa) como do organizador (Albert) é a propagação do testemunho, das memórias, cultura e de uma alerta que não diz respeito apenas aos moradores das florestas, mas de todos aqueles que vivem no mundo, por isso a apropriação de uma cultura escrita.

As narrativas do ativista político encontradas no livro são impactantes, pois ele relata a sua vivência desde a infância até a sua vida adulta. Elas são de testemunhos, crenças e de luta. Dentro delas, encontramos os testemunhos sobre uma memória traumática que o seu povo vivenciou e vivencia ainda nos dias de hoje.

O livro é extenso, com mais de setecentas páginas e é dividido em três partes: devir outro, a fumaça do metal, a queda do céu. A obra é cheia de memórias, sonhos, crenças, rituais, cultura, traumas, testemunhos, luta e resistência. Cada parte tem suas particularidades, mas elas se relacionam de uma maneira tão intimista que não há com dissocia-las. Kopenawa vai discorrer sobre seu passado, sobre a sua infância. Sobre essas memórias, o autor já discorre sobre seu trauma desde criança com a chegada de missionários em sua comunidade e como a sua mãe o protegeu. Já

na adolescência, ele relata a relação com outros missionários e a violência sofrida por essa relação, como o impacto cultural, religioso e sobre a violência em relação à saúde que seu povo vivenciou. Além disso, ele compartilha o ritual xamânico e o desejo de se tornar um grande xamã como seus antepassados e a sua relação com os *xapiri*⁴. Em sua obra também, ele relata a sua relação fora da comunidade e na capital de Manaus e como ele sofreu violências psicológicas, culturais e contra a sua saúde também. O ativista conta como iniciou a sua luta pelas suas terras e pela segurança e direito do seu povo. Ele relata a violência sofrida pelo garimpo ilegal, além de desmatamento, ele nos conta sobre as mortes em confronto com os garimpeiros. Ademais, Davi Kopenawa evidencia a sua luta ao ir até os não indígenas para relatar tais violências que sofreu e que seu povo sofre com a invasão de suas terras, garimpo e destruição da Amazônia. Kopenawa compartilha com todos nós um alerta, que se não cuidarmos da floresta, o céu vai desabar e morreremos e que não pode ser agora ou amanhã, mas que um dia isso vai acontecer.

Diante do exposto, podemos perceber na narrativa de Davi que ele traz testemunhos de violências culturais, religiosas, doenças, mortes, por parte do homem branco. Essas violências sofridas pelo Davi e seu povo é pautada em busca desenfreada por ouro e pela relação de poder. Os testemunhos na obra ecoam como *testis*, *superstes* e *arbiter*

outras palavras ruins chegaram até mim. Os garimpeiros tinham acabado de assassinar vários parentes da região do rio *Hero u*, perto do posto da Funai de Paapiú. (...) Um homem, um outro, um outro e mais um outro! Seus cadáveres ainda estão lá na floresta, onde foram mortos! Temos de ir busca-los!. (Kopenawa; Albert, 2015, p. 341 – 343).

Percebemos, na narrativa de Kopenawa, que ele é uma testemunha, pois relata um testemunho. A voz testemunhal no excerto acima é o *arbiter*, pois ele não vivenciou, como primeira pessoa, ou viu, como terceira pessoa. Ele ouviu o relato de um parente e julgou se devia ou não narrar. Nesse evento traumático, onde muitos parentes de Kopenawa morreram, ele é uma testemunha *arbiter*, porém podemos perceber a mudança da voz testemunhal dentro dessa mesma narrativa:

pusemo-nos a caminho sem tardar. Quando chegamos ao acampamento dos garimpeiros, estava vazio. Os policiais quiseram começar pela busca dos cadáveres dos brancos. (...) Em seguida, encontramos o lugar onde os garimpeiros tinham enterrado os três Yanomami que tinham matado. Achamos depressa, porque era uma cova rasa. Não tinham tido tempo de disfarçá-la com cuidado. Então começamos a tirar os corpos da terra (Kopenawa; Albert, 2015, p. 343).

⁴ Espíritos da floresta.

Já nesse, percebemos que o Davi agora é uma testemunha *testis*, pois ele não vivenciou como primeira pessoa, mas ele presenciou, ele viu os corpos sendo tirados da terra, além disso, os policiais priorizaram primeiro a busca dos cadáveres dos brancos e somente depois, dos indígenas. Percebemos também:

Ao ver os cadáveres sendo arrancados da terra, também eu chorei. Pensei com tristeza e raiva: O ouro não passa de poeira brilhante na lama. No entanto, os brancos são capazes de matar por ele! Quantos mais dos nossos vão assassinar assim? (Kopenawa; Albert, 2015, p. 344).

Nessa citação, Davi relata seus sentimentos de raiva e de tristeza. Ao testemunhar a violência sofrida pelos seus parentes, tanto em vida como após a morte, Kopenawa se torna uma testemunha *testis*. Não foi ele que sofreu a violência direta, mas ele presenciou o trauma de seus parentes e como testemunha *testis* traz em suas narrativas.

Em outro trecho, podemos perceber a voz testemunhal *superste*. Vejamos:

Depois de algum tempo, outros brancos chegaram. Esses ficaram. Construíram casas para viver perto de nós. Repetiam sem parar o nome daquele que os criou. Por isso, para nós, tornaram-se a gente de Teosi. Foram eles que me nomearam “Davi”, antes mesmo de os meus familiares me darem um apelido, conforme o costume dos nossos antigos. Os brancos me disseram que esse nome vinha de peles de imagens em que estão desenhadas as palavras de Teosi. É um nome claro, que não se pode maltratar. Fiquei com ele desde então. (Kopenawa; Albert, 2015, p. 70).

Nessa citação, podemos perceber que o Davi Kopenawa relata um evento de violência cultural praticada pelos não indígenas que evangelizavam a comunidade Yanomami. O ativista yanomami relata que os evangelistas “distribuíam” nomes, sei levar em conta a cultura daquele povo, que não tinha o hábito de nomear, mas sim de criar antonomásias para as crianças. Embora Davi Kopenawa utilize o nome até hoje, percebemos o apagamento cultural e o quanto isso foi doloroso para o líder Yanomami.

Diante de todos os traumas vividos que são relatados em sua obra, Davi Kopenawa traz um alerta sobre a queda do céu, que se não cuidarmos da floresta e respeitarmos seus espaços, o céu cairá e todos morrerão, tanto os não indígenas como os indígenas, a humanidade se acabará, por isso, como uma forma de resistência, Davi Kopenawa compartilha a profecia xamânica com todos os que não são indígenas.

Conclusão

A pesquisa pretendeu evidenciar a memória de testemunho de Davi Kopenawa relatado em suas narrativas a partir da mediação entre o editor (Bruce Albert) e o pensador (Davi Kopenawa).

As vozes testemunhais na obra podem ser encontradas em todo o livro, porém a pesquisa evidenciou apenas alguns trechos que conseguimos identificar as vozes testemunhais: a *testis*, a *superstes* e a *arbiter*. A partir da análise, ficou claro a importância de narrar e o quanto isso contribui para a luta como ativista político que Kopenawa desempenha. Além disso, procuramos apresentar a profecia xamânica e o alerta que o ativista traz em sua obra, como uma forma de compartilhamento mostrando que seu povo não é exclusivo, mas faz parte de uma humanidade que as ações refletem em consequências plurais e coletivas.

Portanto, as narrativas encontradas no livro não dizem respeito somente ao povo Yanomami, mas aos povos que ainda exploram, que invadem e a omissão do poder público diante de cada testemunho vivido pelos Yanomami.

Referências

BOSI, Alfredo. **Narrativa e Resistência**. Itinerários, Araraquara, nº 10, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577>. Acesso em: 02 de novembro de 2023.

DE MARCO, Valeria. **A literatura de testemunho e a violência de Estado**. Lua Nova, São Paulo, n. 62, p. 61-76, 2004.

GOFF, Jacque Le. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão [et al] – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. – 1ª Ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2015.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. **O testemunho em três vozes: testis, superstis e arbiter. Literatura e Cinema de Resistência**, Santa Maria, n. 32: Manifestações estéticas dissidentes, jan.-jun. 2019, p. 5-18. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35461>. Acesso em: 05 de outubro de 2023.

SILVA-SELIGMANN, Márcio. **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. (org) – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA-SELIGMANN, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

Recebido em: 16/11/2023

Aprovado em: 21/03/2024

Como citar este artigo

BARROS, Paula Natasha Siqueira; ROCHA, Ana Lília Carvalho. Testemunho na obra *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* de Davi Kopenawa e Bruce Albert. **Revista Narrares** – V.2, N.1, Jan-Jun, 2024, pp. 97-106.